

A cultura do Xingu para todo o mundo

A Editora Cultura lançará hoje às 19.30 à rua Bela Cintra, 2.011, o livro "Xingu, território tribal", com textos de Cláudio e Orlando Villas Boas e fotos de Maureen Bisilliat. Este é o lançamento da edição nacional, que será de 5 mil exemplares, mas outros 25 mil estão sendo editados internacionalmente em cinco línguas, num empreendimento coordenado pela editora William Coloins e Sons, de Londres, que detém os direitos mundiais. As versões em inglês e francês (esta última distribuída pela Chêne-

Hachette) saíram em outubro. Em italiano e alemão deverão ser lançados em fevereiro devendo ser distribuídas respectivamente pela Mondadori e pela Paul List-Verlag.

Orlando Villas Boas deu suas impressões sobre alguns aspectos da problemática indígena e sobre a importância do livro nesse contexto. Maureen Bisilliat preferiu falar no que ele significou para ela como descoberta de uma nova realidade, que desencadeia todo um processo de questionamento da nossa "civilização".



O índio Mentucire, dos Txucarramão, na visão de Maureen.



Pintura de jenipopo: tradicional entre os habitantes do Xingu.



A menina Mentucire (Txucarramão) enfeitada para uma festa.

Índio, o marginal da consciência coletiva

"Em 1500, havia no Brasil aproximadamente 4,5 milhões de indígenas. Hoje sobrevivem entre 50 mil e 100 mil, de acordo com estimativas mais pessimistas ou mais otimistas. A taxa de destruição foi, portanto, de 1 milhão de índios por século. Em 25 anos, pode ser que não reste mais nenhum". As afirmações são de Orlando Villas Boas. Segundo ele, é "preciso que compreendamos a tempo que sua destruição significa a nossa própria destruição. Eles respeitam a natureza, enquanto nós a devastamos".

Para o sertanista, a hora é "propícia para uma conscientização bastante ampla a favor dos índios e seria interessante que todos os organismos ou pessoas que se interessam por sua preservação, se unissem em torno da causa comum. É preciso arremeter estudantes, intelectuais e a opinião pública em geral, para que a sociedade tome consciência de que o problema do índio é de todos. A sociedade como um todo tem de colaborar".

"A União", lembra, é a "tutora do índio e essa tutela é exercida por intermédio da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Mas ela só pode exercê-la na proporção dos recursos que lhe são destinados, que são poucos diante da amplitude das tarefas". Conforme ele, "é muito difícil conseguir pessoal adequado, pois pouca gente está disposta a atuar junto às comunidades indígenas e é necessária uma preparação relativamente longa".

No governo atual, o "poder central vem se mostrando receptivo para a problemática indígena", diz Orlando, que destacou "dois fatos que consideramos positivos: a dotação destinada à FUNAI é agora dez vezes maior que no governo anterior e os projetos de emancipação a curto prazo — que deixariam os indígenas bastante desprotegidos — foram engavetados. Quando o dr. Ademar Ribeiro da Silva substituiu o general Ismarth de Oliveira na presidência da FUNAI, iniciou-se uma reformulação funcional, com a dispensa de vários elementos. Agora, já na administração do coronel João Nobre da Veiga, que pretende seguir as linhas gerais de seu antecessor, foram dispensados mais quatro, entre os quais o diretor da COAMA (Coordenação da Amazônia). Foi uma medida acertada, pois esse órgão vinha agindo com excessiva dependência dentro da FUNAI e sua atuação não tinha mais sentido, já que fora criado para coordenar trabalhos de atração na época da construção da Transamazônica".

Mas o problema crucial dos indígenas continua a ser a demarcação de suas terras. "Pelo Estatuto do índio, que completa seis anos dia 19 próximo, ela já deveria ter se encerrado em todo o Brasil. Infelizmente, porém, ainda se está bem longe de alcançar esse objetivo, porque além da dificuldade intrínseca do empreendimento, sempre interferem interesses contraditórios, muitos dos quais fogem à alçada da FUNAI", afirma o sertanista.

No momento, o projeto mais importante que está transitando na área federal, com parecer favorável da FUNAI e o apoio de várias entidades, é o da criação do Parque dos Ianômanis, que abrangeria terras em Roraima e no Estado do Amazonas, na zona limítrofe com a Venezuela. Com cerca de 70 mil km², ele teria aproximadamente o dobro do Parque do Xingu, mas 2/3 dessa área são constituídos por zonas montanhosas, impróprias para a ex-

ploração agrícola ou pastoril. "Os Ianômanis, que habitam a região e são estimados entre 6 e 7 mil, não plantam muito, dedicando-se preferencialmente à caça e à coleta, que exige grande mobilidade", diz Orlando. "Há uma exploração de minério de cassiterita na serra de Surucucu, mas está sendo desativada. Espera-se que, depois de consulta aos órgãos competentes, esse projeto se transforme em realidade, contribuindo para a sobrevivência de uma das maiores nações indígenas ainda existentes".

Por lidar com um problema delicado como é o da defesa dos índios, a FUNAI, ainda na opinião de Orlando Villas-Boas, "tem sido e continua a ser o alvo preferido de inúmeras críticas, algumas válidas e outras não". O CIMI (Conselho Indigenista Missionário), por exemplo, "diz que denuncia tudo o que acha errado em relação ao índio mas na verdade suas críticas se dirigem só à FUNAI, que é relativamente vulnerável. Sabe-se entretanto, que há 53 missões religiosas (das quais só 21 católicas) atuando junto aos indígenas brasileiros e nada do que elas fazem é criticado. Será que nunca cometem erros ou são intocáveis? Acredito que a união de todos seria mais benéfica neste momento, do que a colocação meramente polêmica das questões".

Mas o próprio Orlando reconhece que a consciência do problema do índio é relativamente recente dentro da sociedade brasileira, "tendo se acentuado apenas nos últimos 20 anos". Para ele, é indispensável que ela se amplie, se quisermos deter a extinção de nossos indígenas, não só em termos de preservação cultural, mas até em termos físicos de preservação dos indivíduos. "Os índios só sobrevivem em sua própria cultura, que é, sob muitos aspectos, mais equilibrada e mais refinada do que a nossa", diz. "Não se trata de mantê-los como objetos de museu ou animais de zoológico, como erroneamente afirmam alguns. Trata-se de evitar que eles se transformem em párias dentro da sociedade brasileira, que não tem lugar para eles".

O livro que está sendo lançado sobre os índios do Parque do Xingu "é uma contribuição importante para a conservação, para o futuro, de características dos remanescentes de indígenas de cultura pura (não aculturados), que estão em vias de desaparecer, apesar das normas rígidas do parque. Através do registro de suas formas de expressão, o livro mostra a organização cultural e material, como uma espécie de roteiro do que seriam esses índios antes de qualquer contato com o branco.

"Não é uma exploração às custas do índio, mas uma contribuição à ciência, que nos proporciona um retrato bastante fiel desses povos que estamos destruindo", relata o indigenista. "Ao divulgar aspectos de sua cultura, visa-se a uma maior conscientização da sociedade, pois esse conhecimento não deve se restringir aos estudiosos e especialistas. Foi essa a nossa intenção: a de mostrar aquilo que os próprios indígenas não podem fazer e de alertar para os perigos que os ameaçam. Quando vejo essas riquíssimas culturas indígenas morrendo aos poucos, não posso deixar de pensar que a maior contribuição do índio para o povo brasileiro, foi, infelizmente, a sua grande capacidade de sofrer calado".

No livro, a beleza pura das fotos

Maureen Bisilliat diz que não vai falar especificamente sobre os índios, depois de uma autoridade no assunto como Orlando Villas Boas. Prefere destacar o que esse livro significou para ela pessoalmente. "Representa o trabalho de cinco anos. Há um desgaste enorme na transformação de uma idéia em realidade, num produto acabado. A parte fotográfica ficou para trás e foi a mais tranquila. O mais difícil é a parte pragmática, relativa à produção e aos problemas que ela suscita".

Faz questão de dizer que as fotos não têm a pretensão de dar uma imagem globalizante ou exaustiva da realidade dos índios e sua cultura. "Registrou-se o que foi possível, dentro de um prazo considerado o mínimo indispensável para sua correta apreensão. O que se captou foi a realidade externa de uma cultura, talvez os seus aspectos mais estéticos, embora ache esse termo muito ambíguo".

Para ela, "o mais importante em qualquer empreendimento é que a escolha do tema recaia sobre algo importante para nós, que haja um total envolvimento. Nessas condições, o verdadeiro estado de graça é quando se inicia um projeto. Ele apresenta o desconhecido e exige de nós modestia verdadeira, porque nada sabemos sobre essa nova realidade".

"Acho isso uma coisa muito sadia, porque é um desafio. Talvez desafio não seja a palavra exata, porque pertence ao vocabulário competitivo. É mais uma exposição, uma purificação, uma entrega, em que tudo o que é estático é abalado. Desaparece então, todo o domínio que temos sobre a realidade e como o racional não abrange tudo, há sempre algo de místico nesse envolvimento", afirma a fotógrafa.

Maureen Bisilliat diz que seu trabalho "é um entregar-se e um perder-se, para talvez achar alguma coisa no

fim". Ela acha que a maioria das pessoas só vê o aspecto externo, a parte "badalativa" de um lançamento de âmbito internacional. Mas para mim, não é isso realmente o que importa e sim toda a germinação que há por trás, que constitui um trabalho interior.

Maureen mostra uma reportagem em cores sobre o livro, publicada no semanário inglês "The Observer". "O texto é curto", diz, "mas eles entenderam a mensagem, porque dizem "nós", apesar de não terem índios lá. É que a problemática do índio é uma daquelas questões que colocam em confronto a nossa civilização como um todo, na qual somos ao mesmo tempo agressores e vítimas das pressões. Quando se aborda essa temática, não se pode sair imune. Em mim, o contato com essa realidade provocou um grande questionamento e talvez a tenha escolhido por esse motivo".

Mas Maureen não quer ficar, apenas nisso. Seria, em

sua própria definição, permanecer no estático e a inquietação é indispensável a qualquer artista que não está à procura da facilidade. Ela adianta um plano que talvez instaura outro "estado de graça", mas que talvez seja até mais difícil de levar ao fim. "Vamos produzir outro livro sobre os índios, mas desta vez não sobre aqueles de cultura pura e sim sobre os que estão em processo de aculturação. O projeto está muito no início, mas contará mais uma vez com a inestimável colaboração dos irmãos Villas Boas".

Maureen fala de sua profunda admiração pelo fotojornalismo, que considera a matriz de qualquer trabalho em torno da fotografia. "O próximo livro será bem diferente deste, pois constituirá um documento quase jornalístico. Algo de muito sofrido, mostrando o esfacelamento e a desintegração de uma cultura e suas consequências sobre os indivíduos. O planejamento cuidadoso, mas considero quase um dever fazer isso. É uma forma de não se omitir, de registrar sem deixar de questionar".